

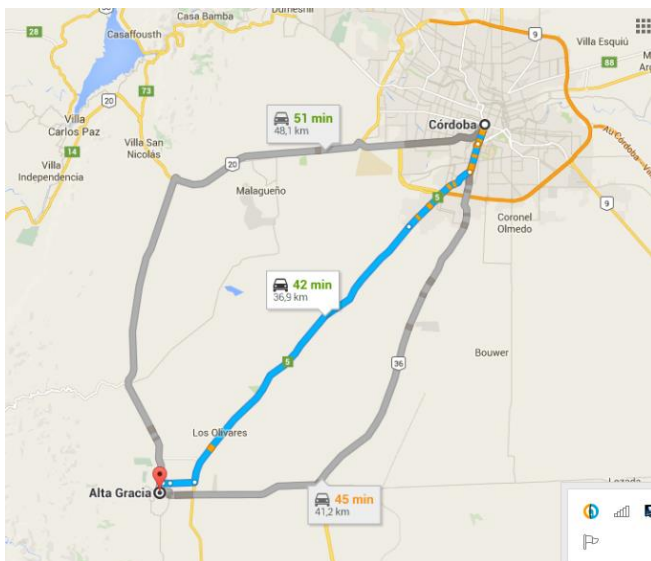


# EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

## 7. DE CÓRDOBA PARA O SUL

Ao sul de Córdoba, a ocupação do território também se organizou segundo o eixo pelo qual os metais preciosos extraídos no *Alto Perú* chegavam a Buenos Aires, no período colonial. No entanto, como as altitudes são um pouco mais elevadas, porque os contrafortes da Serra Geral se estendem nesta faixa de terra a oeste, as duas cidades mais importantes – *Villa Gracia e Villa General Belgrano* – tiveram sua vida associada a estas altitudes, que ainda não compõem o sistema Andes, mas se destacam em áreas tão planas como as que estão a leste por vários quilômetros.

Ainda que haja esta diferença de relevo, no eixo sul, a importância dos jesuítas também foi grande, como em relação às cidades e assentamentos que se alongam ao norte de Córdoba.



Alta Gracia é um bom exemplo. Tem sua origem como estância organizada a partir de 1643. Foi nossa escolha de visita, ao sul de Córdoba, embora tivesse sido, também, interessante (parecia-nos) ter ido a Villa General Belgrano, que é mais jovem (década de 1930) e teve parte do seu povoamento realizado por alemães, tripulantes de um navio de guerra que naufragou na costa uruguaia, em 1939, mas esta já seria outra história...

A escolha recaiu sobre Alta Gracia, por duas razões. A primeira foi ter a oportunidade de conhecer mais uma estância jesuítica e a segunda foi visitar seus museus entre os quais destaco o que ocupa a casa em que viveu Che Guevara.

O assentamento gerado pela iniciativa dos religiosos nucleou a cidade que cresceu em volta dele e tem hoje mais de 40 mil habitantes. Sua igreja não tem torres na fachada e resulta de influência do barroco italiano tardio. A abóbada próxima ao altar é, como todo o teto, pintada de modo muito especial. O ouro folheando a madeira do altar e parte das colunas laterais dá um tom amarelado ao interior deste templo, o que torna o ambiente

muito agradável, principalmente porque do lado de fora o calor estava grande. Este gracioso prédio que foi templo jesuítico é, agora, a sede da *Parroquia Nuestra Señora de la Merced*, por isso os turistas a visitam, enquanto os moradores da cidade a frequentam, fazendo-se, então, uma mescla entre transeuntes e crentes (ainda que alguns transeuntes possam ser crentes...), dando mais vida a este espaço.



À direita da igreja está a edificação em “L” que, outrora, fazia as funções de moradia dos religiosos, com o pequeno moinho e o grande forno.

Hoje, este prédio abriga o “*Museu Nacional Estância Jesuítica de Alta Gracia – Casa del Virrey Liniers*”, com objetos do século XVII ao XIX. Não é nada especial, em termos de acervo, mas a sólida construção vale a visita.





A 20 ou 30 metros à direita das construções da antiga estância, hoje localizada no centro da cidade, está a Torre do Relógio, inaugurada em 1938 para comemorar os 350 anos de alta Gracia. Ao lado, respousa o Tajamar, o lago resultado de represamento feito, também, pelos jesuítas (ou melhor, comandado por eles e de fato resultado do trabalho dos indígenas). Há informações de que esta foi a primeira iniciativa deste tipo na América Espanhola. No dia de nossa visita, havia algumas famílias lanchando em volta dele, gente passeando, crianças correndo e os patos refrescando-se do calor. Enfim, há um uso intenso desses espaços públicos no verão argentino.



Na Villa Nydia, nome dado a uma simpática residência de estilo inglês, está o *Museo Casa del Che*, pois nela viveu a família Guevara De La Serna.

Ela foi edificada, na década de 1910, pela *Compañía de Tierras y Hoteles*, que construiu a ferrovia que servia a este território e que foi responsável pela “urbanização” moderna de Alta Gracia. Esta era uma das casas ocupadas pelos funcionários mais importantes da empresa. Como se vê, o mesmo que os ingleses fizeram no Brasil (ferrovias, loteamentos de terras, fundação e crescimento de cidades) realizaram na Argentina e em outros países.



Entre 1935 e 1943, os Guevara moraram nesta cidade para tentar curar a asma com a qual Che conviveu toda sua vida. Alta Gracia foi muito procurada, na primeira metade do século XX, por pessoas que buscavam tratamento e/ou apenas viver num lugar de clima mais ameno, pois Córdoba a cidade principal da região, é muito quente no verão. Apesar dos problemas de saúde, as fotos e documentos contidos no museu, relativos à infância de Che, mostram que ele foi alegre, estudioso e gostava de esportes. Há vários testemunhos de pessoas, alguns ainda vivos, que conviveram com ele e declaram que, nesta fase da vida, ele já era extremamente solidário. Com cerca de 16 anos, ele deixou Alta Gracia quando a família mudou-se para Córdoba e seus estudos superiores, em Medicina, foram feitos em Buenos Aires.



No museu, iniciativa de moradores da cidade, há tanto documentos relativos à sua vida pessoal, como outros que ajudam a compreender a extensão de suas tentativas de difundir ideais socialistas. Depois da vitória do movimento guerrilheiro em Cuba (1959), ele foi escolhido para exercer a função de Ministro da Indústria, por Fidel Castro, mas, após algum tempo, preferiu deixar o país e continuar a lutar e divulgar suas ideias na África, na Ásia e, sobretudo, na América espanhola.

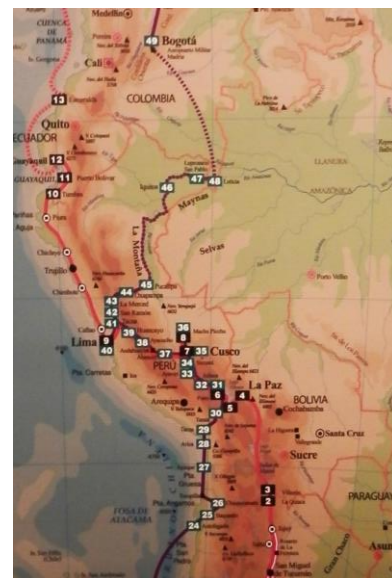


Che foi assassinado, quando estava vivendo com falsa identidade na Bolívia, para ajudar os que lutavam para que houvesse uma revolução neste país.

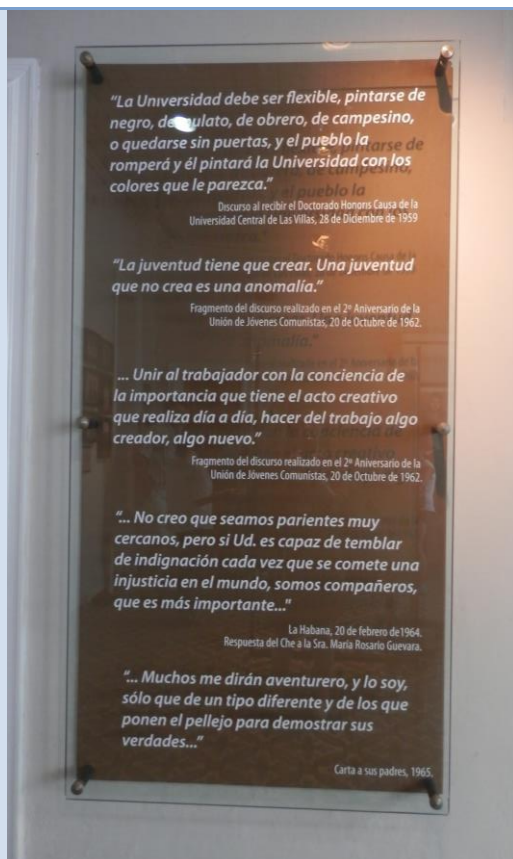
Gostei muito da sala dedicada ao testemunho das viagens que realizou pelo subcontinente, em sua juventude, fase que lhe sensibilizou a lutar por maior distribuição de riqueza, porque se defrontou com áreas extremamente pobres.



A foto que fiz do mapa que está no museu, mesmo não sendo de muito boa qualidade, ajuda a ver por quantas paragens Che esteve. É possível notar que atuou em vários países da América Central; na porção sul do continente, destacam-se Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Chile. Dá para afirmar que ele percorreu chão suficiente para conhecer diferenças e desigualdades que marcam nosso território e, sobretudo, nossas sociedades.



A lendária motocicleta de Che está, igualmente, no museu. Ela foi imortalizada em muitas histórias e, sobretudo, por meio da réplica utilizada no filme “Diários de Motocicleta” de Walter Salles, em que o líder foi interpretado por Gael García Bernal. Antes de andar pela América com esta máquina, Che havia feito sua primeira grande viagem, ainda no primeiro ou segundo período de férias da universidade, numa espécie de bicicleta motorizada por ele mesmo com a ajuda de seu pai.

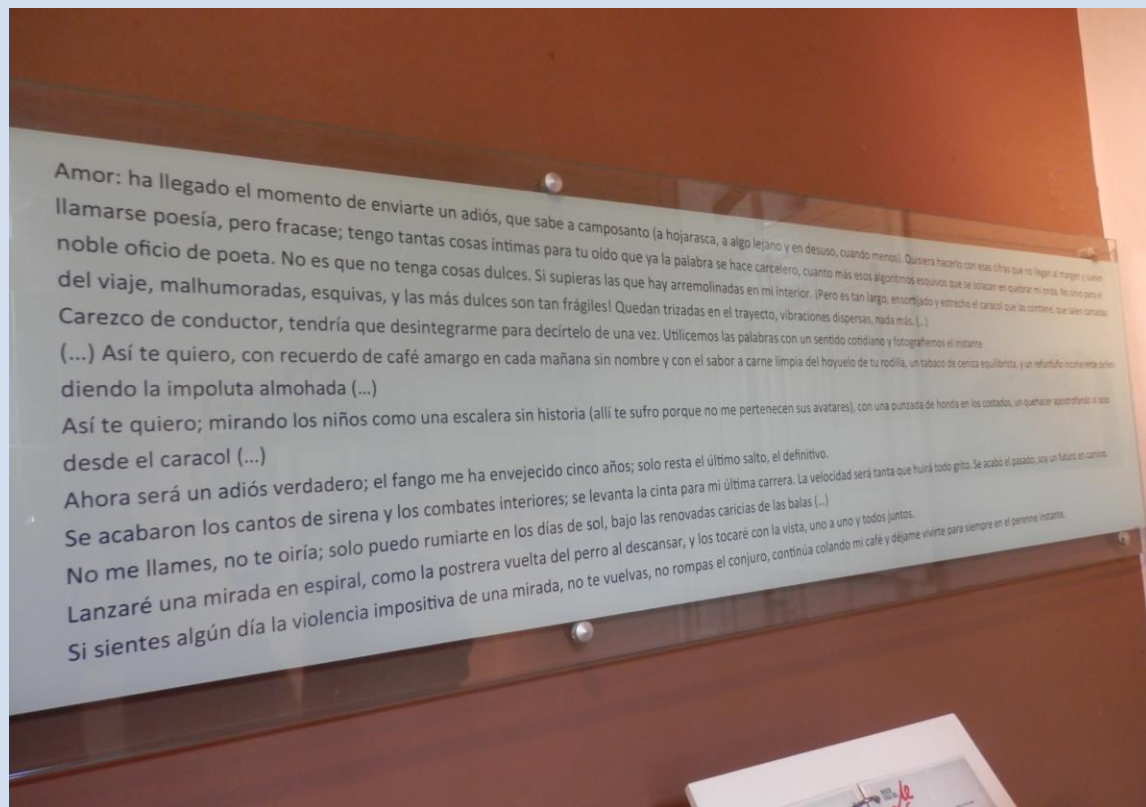


Havia muitos painéis com frases de Che, proferidas em situações as mais diversas. Há, nelas, não apenas o espírito revolucionário estritamente político, mas uma visão fraterna sobre o mundo e as pessoas, que transcende as causas ideológicas pelas quais lutou. Tinha ele uma crença forte no papel da juventude. Expressava sua visão de mundo, ao mesmo tempo, penso eu, que buscava examinar seu próprio caminho e as escolhas que foram necessárias de serem feitas. Não imaginava (eu sei que é pura ignorância!) que Che Guevara foi casado e teve quatro filhos. O período em que viveram juntos não foi grande e correspondeu, principalmente, à sua permanência em Cuba. Deixou a família neste país para continuar sua peregrinação e, pelo que se depreende dos documentos, isso correu de comum acordo com a mulher que também lutava pela “causa revolucionária”.



De tudo que havia no museu, o que mais me sensibilizou foram as réplicas das cartas que escreveu para sua mulher (na foto) e para sua filha, em um de seus aniversários.

O que achei mais charmoso? Os pares de sapato que ele usava quando criança, em duas cores, que estão no caput desta seção do diário da “Expedição ao Cone Sul”.

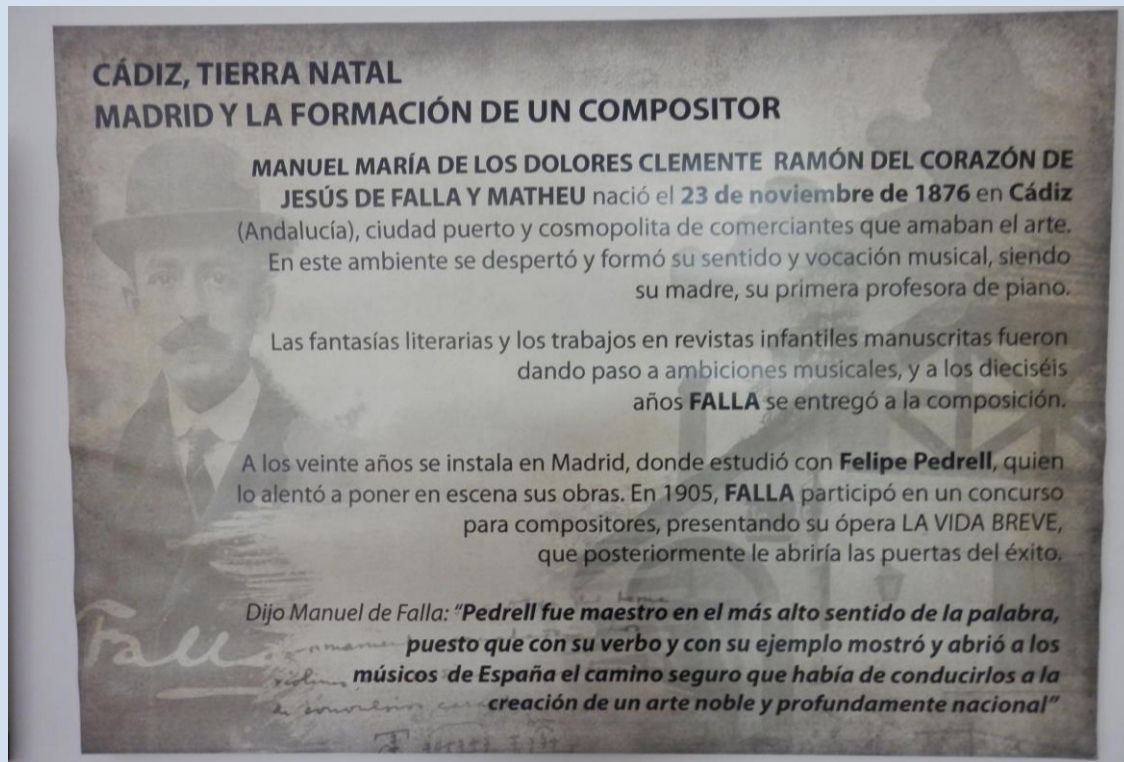


Visitamos, em Alta Gracia, dois outros museus.

O Museo Manuel Falla, que ocupa o Chalet Esquinillos, onde morou o grande músico e maestro espanhol, que, após deixar a Andaluzia, durante a Guerra Civil, veio terminar suas óperas e outras composições olhando para os contrafortes da Serra Geral.

A vista que se tem da janela do escritório dele é esplendorosa.





Quatro visitas num dia é suficiente para embaralhar as informações, por isso, ao final da nossa maratona 'museusística', como diria Odorico Paraguaçu, o personagem de Dias Gomes, já passamos, com menos interesse, pelo *Museo de Arte Gabriel Dubois*, onde viveu o escultor, discípulo de Rodin, chamado Gabriel Simmonet.



Pergunto-me porque já não gostei tanto desta visita e sei que aquilo que tornou esta experiência muito pouco agradável, além do cansaço do dia, do estilo de escultura que,



no conjunto não me agradou (embora eu adore Rodin), foi a voz estridente e o discurso decorado feito pela senhora que nos atende na bilheteria, nos abre a porta e nos orienta ao que ver e como percorrer o pequeno espaço.

Ela era tão espalhafatosa e pouco adequada que parecia que ela ocupava mais o pequeno espaço do que o próprio acervo. De todo modo, ver como a casa era relativamente pequena, aliás, como eram a de Che Guevara e a de Manuel Falla, mostram que mesmo as famílias que correspondiam a uma pequena elite na primeira metade do século XX viviam em casas menores do que viveriam hoje pessoas de mesmo padrão socioeconômico.

Hoje, o pequeno museu é também um atelier de aprendizado de escultura, segundo constava nas informações disponíveis, com aulas que são dadas no mesmo ambiente oficina em que o escultor trabalhava no passado, onde há os moldes de suas obras principais e parte das ferramentas que ele utilizava.

Termino este texto com a foto de uma das poucas esculturas de que gostei no museu, com a sorte de que refletido, no vidro, está Eliseu.



Carminha Beltrão  
Janeiro de 2016